

O PENSAMENTO EDUCATIVO E EXISTENCIAL DE VERGÍLIO FERREIRA*

Manuel ABELHO CUNHA
Universidade de Beira Interior (Portugal)

Fecha de aceptación de originales: abril de 2008
Biblid. [0212-0267 (2008) 27; 367-394]

RESUMEN: Vergílio Ferreira es uno de los escritores y pensadores más destacados del siglo XX en Portugal. Su pensamiento pedagógico, muy próximo al existencialismo en filosofía, propone una posición pesimista sobre la vida, y el puesto que ocupa la educación.

PALABRAS CLAVE: Portugal, educación, literatura, siglo XX, existencialismo.

ABSTRACT: Virgilio Ferreira is one of the most important writers and philosophers in Portugal 20th century. His pedagogical thought, very linked to philosophical existentialism, proposes a pessimist position about the life, and the education.

KEY WORDS: Portugal, education, literature, 20th century, existentialism.

1. Vida e obra vergiliana

VERGÍLIO ANTÓNIO FERREIRA DE OLIVEIRA nasceu a 28 de Janeiro de 1916, em Melo, Concelho de Gouveia, Distrito da Guarda, Portugal, durante a I República e a meio da I Guerra Mundial. De abundante, na infância, conheceu a natureza das pedras, das neves e das gentes, o rigor dos Invernos, a brisa da Serra da Estrela e a liberdade do horizonte. Filho de Augusto Ferreira e de Josefa de Oliveira, que cedo emigraram para os E.U.A., fica ao cuidado de duas tias, com apenas três anos de idade.

Em 1926, com dez anos e depois de uma visita a Lourdes, entrou no Seminário Menor do Fundão, onde permaneceu seis anos. Esta experiência será o tema central da obra *Manhã Submersa*, publicada em 1954. É um tempo recordado com

* As referências que aludem apenas à obra são exclusivamente de Vergílio Ferreira.

amargura, de aprisionamento e de separação com o mundo. O título do livro assim o infere: as manhãs que deveriam ser radiantes, luminosas, símbolos de começo e de criação, fontes renovadas de esperança, revelam-se sombrias, nubladas, nostálgicas. Esta vivência marcará profundamente não só a sua relação com Deus, «apagou-se-me», mas também a sua perspectiva educacional e pedagógica. 1926 marca ainda a queda do regime republicano e a imposição da ditadura.

Saiu do Seminário Maior da Guarda em 1933, data que instaura o Estado Novo e a consolidação de Salazar no poder. A unidade é um desiderato a atingir em todos os domínios da actividade nacional: política, económica, religiosa, educativa...

Em 1935 concluiu o curso liceal na cidade da Guarda.

Em 1936, entrou para a Faculdade de Letras de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Clássica no ano de 1940.

Em 1939, ainda estudante, escrevera o seu primeiro romance, *O Caminho Fica Longe*, precisamente no advento da II Guerra Mundial. A guerra civil de Espanha (1936-1939) servira de balão de ensaio.

Em 1942, concluiu o Estágio no Liceu D. João III, em Coimbra. Começou a leccionar em Faro.

Recebeu vários prémios pela sua obra literária: Prémio *Camilo Castelo Branco* pela obra *Aparição*, conferido pela Sociedade Portuguesa de Escritores; Prémio da Casa da Imprensa; Prémios do Pen Club, Associação Internacional de Críticos Literários, do Município de Lisboa e o Prémio D. Dinis da Casa de Mateus; Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores pelo romance *Até ao Fim*; Prémio Fémica por *Matin Perdu*, tradução francesa de *Manhã Submersa*; Prémio Europália, pelo conjunto da sua obra literária. Foi agraciado com o Grau de Oficial das Artes e Letras de França e galardoado com o Prémio Camões, atribuído por um júri luso-brasileiro.

Conferenciou em Espanha, França, Dinamarca, Estados Unidos da América, Canadá, União Soviética... A sua obra está traduzida em vários países do mundo: da Grécia à Polónia, da Rússia à Espanha e à França, repartida entre o romance, o ensaio, o diário e o conto. Fez parte da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa. Traduziu Sartre para a Língua Portuguesa.

Em 1978, Fernando Lázaro Carreter, Professor da Universidade de Madrid, propôs Vergílio Ferreira ao Prémio Nobel da Literatura. Ramos Rosa disse que o Nobel lhe ficaria bem: «[...] a coroa do Nobel dava bem com a minha formosura de originalidade no escrever e filosofia no pensar»¹.

Em 1993, recebeu o Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra.

Vergílio Ferreira aderiu, numa primeira fase, ao movimento literário neo-realista; de forma comprometida com a causa social. Criticava o apoliticismo, o conservadorismo e a indiferença pelo contexto político-social mundial. Defendia uma arte de cariz intervencionista, visando a transformação social. Cedo se demarca, porém, desta corrente, afastando-se da funcionalidade da arte. Elege a problemática existencial, de descoberta do Eu. O seu testemunho é claro:

¹ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente IV*, n/s, Venda Nova, Bertrand editora, 1994, p. 167.

Nasci para a literatura nos fins da II Guerra Mundial. A esperança ou a certeza, quebradas depois na dúvida e na questionação alargada, foi a sorte que me coube. Do «homem económico» ao homem que o excede vai todo o percurso que realizei. Mas o próprio «homem económico», que eu julguei cumprido na planificação estatal, sofreu-me graves restrições ao exemplo nada edificante dos países em que se efectivou. Mas sobretudo o que veio a preocupar-me foi justamente o que a esse homem excede. Porque um homem não cabe numa tigela de arroz e só morto se ajeita nas quatro tábuas do fim².

Das preocupações do homem económico evoluiu para aquilo que o distingue e excede, não se fixando prioritariamente nas questões de ordem material, de satisfação fisiológica, mas nas questões da ordem do saber, da elevação do espírito, de superação de qualquer funcionalidade. Confessa-nos: «A grande razão mais visível dessa originalidade é que a arte desta vez não é um “meio” de “expressão” de nada excepto dela própria»³. Analisa, pesquisa, então, a verdade fundamental da pessoa, única, original e autêntica. A Arte revela-se-lhe como a expressão mais viva e verdadeira, valor de razão primeira em inteira liberdade. Acerca de Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço confia-nos que: «O universo da arte tornou-se o centro e a circunferência da sua ideologia, melhor ainda, a sua “religião” sem deus vivo»⁴. Disserta sobre a vida e a morte. A vida que diferencia e abre caminhos, a morte que igualiza e unifica. O saber e o conhecimento são o alimento e a imaginação é o seu mundo: «A minha pátria é a imaginação»⁵. É um criador, *um auctor*, que aumenta o mundo. Dizia: «Sou tóxico-dependente da literatura. Haverá casas onde isto se trate?»⁶. Escreve como quem respira, por imperativo vital: «Quando escrevo o meu público sou eu»⁷ e ainda: «[...] não escrevo para os outros, escrevo para mim»⁸. A sua dependência é tão forte que deseja algo de inédito: «E eu que pensava entrar no paraíso a escrever»⁹. Foi essa a sorte que lhe coube, escrever. Dela não pode fugir nem recusar: «Não preferi a minha arte: calhou-me. Ou talvez que seja essa a sorte de todas as preferências: escolher-se sempre o que nos coube, ou seja o que se é»¹⁰. Deste modo: «Cumprase um destino de artista como outros talvez o de serem santos ou criminosos...»¹¹. Escrever é a sua arte e a sua vida. Diz recusar o Nobel se isso implicasse impedimento em escrever: «[...] se me fosse posta a hipótese de eu receber o Nobel na condição de jamais escrever romances, eu recusava tal Nobel e mandava-o para o inferno»¹².

² FERREIRA, Vergílio: *Um Escritor Apresenta-se*, Vila da Maia, Imp. Nacional Casa da Moeda, 1981, p. 199.

³ FERREIRA, Vergílio: *Revista Colóquio*, n.º 26 (1975), p. 20.

⁴ LOURENÇO, Eduardo: *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Ed. Presença, 1994, p. 88.

⁵ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente I*, Amadora, Liv. Bertrand, 1982, 3.ª edição (1.ª ed. 1980), p. 275.

⁶ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente II*, n/s, Venda Nova, Bertrand editora, 1993, p. 387.

⁷ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 72.

⁸ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 5*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1987, p. 525.

⁹ *Conta Corrente IV*, n/s, p. 156.

¹⁰ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 141.

¹¹ *Idem*, p. 72.

¹² FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente III*, n/s, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994, p. 121.

A riqueza temática converge para um único vórtice, o homem: centro axial da sua reflexão e interrogação humana. Eixo da esfera terrestre, de convergência e de irradiação do mundo, que o diz e recria, possibilitando novos reais e universos. A busca de um sentido para a vida humana e a angústia de um esforço que nunca é bastante radicam na génese da sua arte. A arte institui-se como anunciadora de vida e possibilidade, de abertura e disponibilidade ao mundo que o cerca.

Morre em Lisboa a 1 de Março de 1996.

2. Educar-contextualização

Falar de educação implica, necessariamente, falar da concepção de homem, de sociedade e de vida humana; daí a impossibilidade de se falar de educação em sentido geral, abstracto, mas referentemente a uma sociedade organizada em torno de valores culturais, políticos, ético-morais, religiosos, económicos ou outros. A abundância das propostas educativas traduzidas em teorias e paradigmas reflectem, por um lado, a polissemia do conceito «Educar»; por outro, a discrepância do entendimento sobre o homem. Como nos lembra Hovre:

A nossa opinião sobre a educação depende da nossa opinião sobre o homem, a sua natureza, o seu destino, o seu fim. Aos olhos do naturalismo, o homem é um ser biológico; para o socialismo, um ser social; para o politicismo, um cidadão; para o intelectualismo, um instrumento pensante; para o voluntarismo, um ser activo; para o monismo, um momento no processo cósmico; para o individualismo, a norma de tudo o que existe. A pergunta: que é o Homem, qual o seu destino? Deve ser resolvida antes que se possa pôr o problema da sua educação¹³.

Se não há homem sem sociedade, não há educação puramente natural, no absoluto vazio humano. Ensina-nos Edgar Morin que: «O homem é um ser cultural por natureza, por ser um ser natural por cultura»¹⁴. Ou seja, é da sua natureza ter de viver com outros humanos para que dele possa emergir e desenvolver a sua humanidade. É uma realidade bio-psico-sócio-cultural. Cada pessoa é, então, uma multidimensionalidade complexa de interacção biológica, psíquica, social e cultural: «A complexidade humana não se compreenderia separada destes elementos que a constituem: todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertença à espécie humana»¹⁵. Há uma relação dialéctica desenvolvimentista na tríade homem, sociedade, espécie humana.

Se não há educação sem sociedade, cada povo de *per si* valoriza o que considera fundamental para a sua manutenção e reprodução. Neste contexto, nenhuma proposta educativa, formal ou não, se torna inocente. Resulta sempre de opções político - ideológicas de cada sociedade, em cada época. Neste contexto, cada povo

¹³ HOVRE, F. in PLANCHARD, Emile: *A Pedagogia Contemporânea*, Coimbra Ed., 1975, 7.ª ed., pp. 54 e 55.

¹⁴ MORIN, Edgar: *O Paradigma Perdido: A Natureza Humana*, Mem Martins, Pub. Europa-América, 1973, 2.ª ed., p. 86.

¹⁵ MORIN, Edgar: *Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro*, Lisboa, Pub. Instituto Piaget, 2002, p. 59.

tende a desenvolver os instrumentos de domínio e de controlo visando reproduzir aquilo que o caracteriza e identifica. Assim se compreendem as expressões de Edgar Faure e de George Burdeau, respectivamente: «Os sistemas educativos exprimem ao mais alto grau a consciência nacional, a cultura e as tradições de cada Povo»¹⁶. Ou ainda de forma mais incisiva: «Cada regime dirige-se a um tipo de homem que modela para o tornar apto para aquilo que dele espera»¹⁷.

Já vimos que não há homem sem homens, que viver é viver-com, conviver, pertencer a uma sociedade, esta com a sua cultura e formas de entender a vida e o mundo, crenças e valores, ritos e tradições; com uma determinada organização política e social, leis e regras, normas e orientações que a balizam e difundem através dos vários canais do poder. No campo educativo, essas orientações são interpretadas e executadas por agentes educativos de forma premeditada e sistemática com vista a obter os fins desejados. Estamos a falar do «Campo Paradigmático→ Campo Político→ Campo Organizacional»¹⁸, respectivamente. O Campo Paradigmático, ou a sociedade, transforma e dá a conhecer ao Campo Político as orientações simbólicas e as concepções profundas que a caracterizam, fazendo sentir formas de actuação e de significação global da actividade humana. O Campo Organizacional constitui a área das organizações concretas e dos subsistemas que aplicam as normas, as leis e as regras oriundas do Campo Político, que por sua vez devem corresponder ao sentir profundo da sociedade, do Campo Paradigmático. Sintetizando: «O Campo paradigmático é o espaço onde são definidas as orientações da sociedade. O Campo político constitui o terreno onde as orientações da sociedade são traduzidas em normas, leis e regras. O Campo organizacional constitui a área onde as normas, as leis e as regras são transformadas em práticas»¹⁹. Nesta perspectiva, todas as sociedades visam manter o equilíbrio social e a sua continuidade, através dos diversos mecanismos de controlo, tendo como objectivo manter e reproduzir os traços que as caracterizam e lhes dão estatuto identitário.

Na educação, o domínio pode fazer-se através da organização escolar, dos programas e currículos, da avaliação, da carga horária disciplinar, das metodologias de ensino, da inspecção...; ou de formas implícitas, decorrentes da aceitação e interiorização de determinados símbolos, regras e formas de acção subjacentes às actividades que constituem o currículo oculto. Deste modo, o poder tende a preservar os valores que o enformam, alargando os seus instrumentos de domínio, controlando a cultura considerada socialmente hegemónica, através da qual transmite os seus valores de distinção. Neste sentido, a cultura escolar é um dos meios desses elementos fácticos de domínio, de reprodução social, de assegurar o poder e de o perpetuar, servindo de mecanismo de selecção social. Neste sentido, ensina-nos Paz Gimeno Lorente que: «Toda a prática educativa leva atrás de si uma forma de entender a vida, a sociedade e o indivíduo, por isso, qualquer proposta de currículo —que é uma organização da prática educativa apoiada em

¹⁶ FAURE, Edgar: *Aprender a Ser*, Livraria Bertrand, 1972, p. 261.

¹⁷ BURDEAU, Georges: *O Liberalismo*, Póvoa de Varzim, Pub. Europa-América, 1979, p. 191.

¹⁸ BERTRAND, Yves e VALOIS, Paul: *Paradigmas Educacionais*, Lisboa, Pub. Instituto Piaget, 1994, p. 21.

¹⁹ *Idem*, p. 22.

valores sociais específicos — tem detrás uma teoria educativa que a configura e determina»²⁰. Não existe, portanto, prática educativa sem uma concepção de homem e de vida humana.

Resulta, no entanto, que é da natureza humana compreender o que a rodeia, não se cingindo à assimilação amorfa, produto determinista dos Campos em análise. Há uma pequena brecha na sua existência que estabelece toda a diferença e essencialidade. O homem é uma realidade consciente e activa. O saber que sabe, facultado pela capacidade de reflexão, afirma a sua liberdade. Nega o condicionamento para afirmar a sua vontade. Sobe na verticalidade, enquanto o animal se prolonga na horizontalidade. Ensina-nos Vergílio Ferreira que: «Do ventre materno vem todo o animal inteiro quando nasce: Excepto o homem. Porque sobre o que a Natureza nos transmite, só o homem transmite o que a nega e sublima»²¹. Se a herança genética basta e determina o animal, não é suficiente para definir o homem, porque este sabe, evolui e transforma-se. A educação nega a natureza animalesca e sublima a realidade cultural, psíquica, individual.

Comungando do mesmo espírito sobre o papel do conhecimento na formação do homem, diz-nos Heidegger: «[...] se a essência da educação consiste em ajudar o homem a abandonar a escuridão da caverna, que o escraviza, para o trazer até à luz do céu aberto, que o liberta, então temos de aceitar: a essência da educação fundamenta-se na essência da verdade»²². O saber e o conhecimento constituem o fundamento do homem superior: «O homem é o pastor do ser»²³, porque: «A essência do homem, no entanto, consiste em ele ser mais do que simples homem, na medida em que este é representado como o ser vivo racional»²⁴. Não basta ser racional, mas usar essa racionalidade na grandeza do ser.

Também Nietzsche elege o *conhecer (co-nascer)* como o maior tesouro do homem: «Onde estiver o vosso tesouro, lá estará o vosso coração; e o nosso tesouro está hoje nas colmeias do conhecimento»²⁵. O homem sempre viajante e pastor sem fim. Não apenas produto mas produtor; receptividade mas propositividade; herança mas criação. *Sapere* instaura a novidade do *saber* e o *sabor* da criação.

3. O pensamento existencial

Para Vergílio Ferreira, o homem é o grande tema aglutinador da sua interrogação. Centro de convergência e de irradiação das suas preocupações terrenas. É o grande valor e o valor mais alto. Diz-nos: «O grande valor, em função do qual todos os outros existem, é o homem: a sua dignidade, a sua liberdade, a sua realização e

²⁰ GIMENO LORENTE, P.: *Teoría crítica de la educación - una alternativa educativa para una sociedad en crisis*, Madrid, UNED, 1995, p. 884.

²¹ FERREIRA, Vergílio: *Espaço do Invisível 4*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1995, 2.ª edição, p. 9.

²² HEIDEGGER, Martin: *op. cit.*, por A. José BRANDÃO ao prefácio do livro *Carta Sobre o Humanismo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1987, pp. 23 e 24.

²³ HEIDEGGER, Martin: *Carta Sobre o Humanismo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1987, p. 66.

²⁴ *Idem*, p. 66.

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich: *A Genealogia da Moral*, Lisboa, Guimarães Editores, 1992 (1.ª ed. 1877), p. 9.

plenitude. O homem como centro organizador de todos os outros permanece»²⁶. O verdadeiro humanismo é então aquele que se sustenta no homem e faz depender de si a construção do seu destino e da sua vida, que não se esconde ou refugia noutras entidades, assumindo as responsabilidades da sua existência: «Porque o verdadeiro humanismo é o que centra tudo no homem – sobretudo as leis que o governam. Reconhecer ao homem o fundamento dos seus valores é afirmar a sua inteira liberdade»²⁷. Um humanismo que funde na pessoa a opção dos seus valores em inteira liberdade e que sabe, também, da liberdade do outro, como ser da mesma condição. O homem é responsável pelos seus actos e responde por si. No entanto, não importa o homem simplesmente como tal, mas um homem que acrescente a humanidade, ramifique a árvore humana. A condição humana exige de cada homem o máximo da sua realização. Vergílio Ferreira indica-nos o caminho: não é uma fórmula humaniforme da realização humana, é, antes, «[...] o valor da plena realização de nós»²⁸, recusando a «farda que o aliste; o do humanismo como valor que se é, e não que são os outros e nos impõem»²⁹. A humana condição recusa a filiação degenerada em rebanho, ídolo ou sistema, manipulada por outrem, mas tão-somente como valor que é na livre realização. Todos os indivíduos são atravessados por uma humana condição, a da sua liberdade e a do destino comum, na morte. O destino comum na morte e o horizonte comum na liberdade constituem uma comunidade de destino. Ser homem significa suportar o peso da sua liberdade e da sua acção. É essa a divindade do homem, não apenas ser, mas ser pelo mais alto, onde a altura do horizonte define a qualidade dos homens. «A altura de um homem mede-se pela amplitude do seu horizonte»³⁰. Que resta então ao homem senão esgotar as possibilidades que a vida lhe oferece, tornando-o mais humano, sublimando o seu humanismo? Ou seja: «Matar a fome em todas as partes de mim que a têm, [...]. Satisfazer um desejo em todo o sítio de nós onde ele fale»³¹. Procurar, criar perpetuamente, numa busca sem fim, procura que é sempre caminho, aspirando pelo máximo da realização humana, porque: «O homem é o ilimitado do seu caminhar»³², e: «Exaltar a vida é exaltar a capacidade do mais»³³.

Neste contexto, Vergílio Ferreira recusa o homem superficial das relações imediatas, recusa também o homem dos traços fisionómicos e psíquicos individuais; aplaude o homem que interroga a condição humana, o qual deveria preocupar todos os homens: «Porque há três zonas no homem: a exterior, que é a da comunicação superficial e quotidiana; a interior, mas que é a do eu — indivíduo, o de “características”, o que tem por dimensão a “psicologia”; e a anterior a essa, que é a do eu — pessoa, do eu profundo, do homem, e cuja dimensão é a “metafísica”»³⁴.

²⁶ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 362.

²⁷ *Espaço do Invisível 2*, p. 294.

²⁸ FERREIRA, Vergílio: *Invocação ao Meu Corpo*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994, 3.^a edição, p. 333.

²⁹ *Idem*, p. 332.

³⁰ *Invocação ao Meu Corpo*, p. 327.

³¹ FERREIRA, Vergílio: *Rápida a Sombra*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1993, 3.^a edição, p. 95.

³² FERREIRA, Vergílio: *Pensar*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1992, 3.^a edição, p. 299.

³³ *Conta Corrente 1*, p. 40.

³⁴ FERREIRA, Vergílio: *Do Mundo Original*, Amadora, Liv. Bertrand, 1979, 2.^a edição, p. 12.

O Eu vergiliano interroga a existência humana, os problemas mais sublimes e supremos da sua condição, o ser e o saber, a morte e o destino, a liberdade e a acção. O autor esclarece-nos: «Assim um homem, colocando-se nesta zona, quando fala de si, não está falando de si e da sua “pessoinha”, está falando de si como homem, é, portanto, digamos, o espelho em que todos os outros homens se podem rever»³⁵. Deste modo, o que deveria interessar à humanidade não é aquilo que a separa, mas aquilo que a une e faz ser. As grandes questões do homem deveriam ser questões de toda a humanidade: a vida e a morte, Deus e a religião, os valores e a liberdade, no fundo ser homem. «Que é o homem, portanto? É o ser em que se consciencializa todo o ser, ou seja, todo o Universo. Temos pois que esse universo converge para o ponto mais alto de si, que é o homem. Todo o universo é atravessado pela Ideia até chegar àquele ser que a recolha no seu seio, a reconheça, a pense»³⁶. Temos o homem como centro organizador de tudo o que o rodeia.

O grande combate vergiliano foi o combate pela lucidez, pela liberdade, pela dignidade humana. Rejeitou todas as teorias e sistemas que condicionassem a sua livre realização. Apesar de reconhecer no existencialismo a raiz da sua formação: «[...] foi o Existencialismo que me falou mais profundamente»³⁷, não o adopta em toda a sua extensão, porque todos os *ismos* são coarctivos da liberdade, condicionando a pessoa em esquemas de actuação deterministas, fechados: «É que aceitarmos um rótulo automaticamente obriga a aceitar-lhe todas as consequências, entre as quais a de nos responsabilizarmos por tudo quanto sob este rótulo se disser ou fizer. Além de que me não compete a mim, até porque não é isso fácil, dizer realmente o que sou»³⁸. Rejeita o *ismo* existencial por não querer ficar prisioneiro de um sistema, de um rótulo, de um campo delimitado; e ainda, porque sendo o homem indefinível por natureza, difícil de dizer e de situar, aceitar uma definição seria aceitar a determinação do seu conceito, e isso não o pode entender nem tolerar.

Não aceita o Estruturalismo pelo facto desta corrente de pensamento defender que por detrás da pessoa existe uma estrutura, um sistema: sociedade, cultura, valores, crenças, mitos... que determinam essa pessoa e a condicionam na sua acção. Isto é, o eu de cada um de nós encontrar-se-ia submergido na grande estrutura que o limita e aprisiona; logo não seria o sujeito que pensa, mas a estrutura que pensaria pelo sujeito. Oíçamos. «A questão fundamental que no Estruturalismo se nos propõe é a que se implica na afirmação de Foucault [...] segundo a qual, e visando-se essencialmente o existencialismo de Sartre, não é o sujeito que pensa, mas o Sistema por ele»³⁹. A anulação do sujeito perante a estrutura cria no homem a ilusão da sua liberdade e a aceitação como parte integrante de uma natureza morta, passiva. Olha o passado não como algo dinâmico, mas fixando-se apenas no que se imobilizou. Entende a História como *fechamento* e não como *abertura*, não para o estudo da sucessão dos factos, em

³⁵ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 215.

³⁶ *Conta Corrente II*, n/s, p. 291.

³⁷ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 173.

³⁸ FERREIRA, Vergílio: *Espaço do Invisível 2*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1991, 2.ª edição, p. 51.

³⁹ FERREIRA, Vergílio: *Espaço do Invisível 3*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1993, 2.ª edição, p. 269.

termos de continuidade, mas do que estabilizadamente acontece. A estrutura tece então uma rede da qual ninguém se pode libertar. Todas as partes se harmonizam com o todo, e a Totalidade pensa por todos. O homem parece assim enredado numa fatalidade da qual não é responsável. Poderá ser um convite à recusa de saber, porque nada terá a propor. «[...] ao *je pense*, portanto, opõe-se o *ça pense*»⁴⁰.

Vergílio Ferreira rejeita a teoria teilhardiana por subsumir o homem numa complexidade crescente de consciência, como processo totalizante da ortogénese, no qual a vontade individual nada teria a dizer: Esclarece-nos: «O equilíbrio que nos propõe sabemos-lo perfeito, mas não para a nossa medida»⁴¹.

Critica o partidarismo e as ideologias por tenderem a subsumir os indivíduos à aceitação cega dos seus ditames: «Quere-se no Partido o Absoluto e para confirmar esse Absoluto nada mais probatório que a renúncia total a nós. [...] No fundo, o problema é sempre o da dificuldade de nos aguentarmos a nós. Tomar sobre nós o fardo de ser é difícil»⁴². O seu pensamento é claro: como um Partido quer uma aderência absoluta, uma entrega total, nós deixamos de ser quem somos para sermos o Partido. Ser o Partido implica a anulação do Eu, numa dádiva incondicional. Esta fidelidade mostra a pequenez que somos em relação a algo maior que nos orienta e sobre a qual pomos a responsabilidade da condução das nossas vidas; porque as doutrinas: «São invulneráveis a qualquer crítica que denuncie os seus erros»⁴³. A concepção vergiliana sobre o homem é clara e consistente: não se deve ceder na responsabilidade de se ser em liberdade, luz do seu próprio caminho, porque: «[...] um homem é maior do que uma doutrina. O desastre vem de querermos metê-lo todo dentro dela»⁴⁴. A aderência incondicional é causadora de retrocesso no percurso evolutivo.

Conclui: «A minha “ideologia” política, [...] é a socialização económica e a liberalização cultural»⁴⁵. A socialização económica para que todos tenham acesso às condições dignas e essenciais da vivência em sociedade e aos bens da cultura; a liberalização cultural, precisamente, para que o ser humano não se transforme em manada e faça jus à condição humana de elevação do espírito.

A problemática vergiliana sobre a questionação de Deus gira em torno dos pólos da sua existência/não existência; da impossibilidade de se lhe dar um nome; do sagrado como interrogação indizível; da religião como positividade do sagrado e da sua destruição; e ainda, da integração de Deus na Grande Ordem Universal, como tal, uma entidade de segunda ordem. No entanto, Deus não lhe fala. Deus é o próprio homem e sagrada é a sua condição. Vergílio Ferreira diz textualmente que não tem um Deus que lhe fale: «Não, não. Deus não me fala. Ou fala tão baixo que o não ouço. Entre mim e ele há o grande mistério de tudo que levaria muito tempo a atravessar»⁴⁶. Noutro texto acrescenta: «Se eu acreditasse em Deus, punha-lhe logo tantas questões que ele não saberia responder-me»⁴⁷. Deus não

⁴⁰ *Idem*, p. 269.

⁴¹ *Ibidem*, p. 265.

⁴² *Conta Corrente 1*, p. 39.

⁴³ MORIN, Edgar: 2002, *op. cit.*, p. 26.

⁴⁴ FERREIRA, Vergílio: *Estrela Polar*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1992, 4.^a edição, p. 79.

⁴⁵ *Conta Corrente 1*, p. 109.

⁴⁶ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 5*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1987, p. 562.

⁴⁷ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 2*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1990, 3.^a edição, p. 74.

entra na economia do seu todo, no equilíbrio interno, onde a escolha se escolhe na obscuridade profunda. Diz-nos: «Na harmonia do que somos, Deus está ausente»⁴⁸. «Deus está morto porque sim. [...] Foi porque Deus se me gastou. Sei que não está certo que ele viva. Sei que ele é absurdo porque o é. Sei que ele está morto, porque não cabe na harmonia do que sou. Não cabe»⁴⁹. Nesta perspectiva, o homem é o centro ordenador que a tudo ilumina com o seu saber: «E nenhum outro centro a pode hoje ordenar, senão o que se fixa na realidade incrível de um “eu”»⁵⁰. Um mundo sem presença humana, sem vida inteligente, auto-reflexiva, seria um mundo inerte, bruto, frio, sem ninguém que o reconhecesse. Neste sentido, o homem é a luz do mundo, que retira da inércia anónima e rude as coisas e os seres, lhes dá vida e existência. Por isso, «Todo o mistério e enigma começa com a existência do homem. Mas se o homem não existisse? Naturalmente dir-se-á que em tal caso não se podia pôr questão nenhuma. [...] E isto para tirar a conclusão de que se tal se verificasse, o problema de Deus não tinha sentido nenhum»⁵¹. Deus é, então, criação do homem e nasce como resposta às suas preocupações.

Ainda que Deus não lhe fale e não escute a sua voz, desconhece a razão porque não se cala e o perturba ainda: «Na parte obscura donde às vezes fala/ a voz que escuto para lá do que ouço / morava Deus. Mas se hoje o escutá-lo / na verdade do que era já não posso, / não sei porque se não cala»⁵². A interrogação permanece e vibra-lhe no íntimo mais fundo. Noutro excerto confessa-nos que: «[...] só é agnóstico o bruto, ou seja, o animal»⁵³. Conclui: «Mas se Deus está morto, ele obceca-nos ainda a emotividade, [...]»⁵⁴. O espanto perante o fenómeno vive ainda.

Ainda que atormente a sua emotividade, não entra nas suas contas e propõe mesmo que a recuperação do sagrado, na sua pureza original, sem deuses vivos, se faça através da sacralidade do homem e daquilo que o fundamenta: «Sim o retorno do sagrado. Fala-se tanto nele, como, aliás, estava previsto. Mas não no que dele mais importa e não passa pelos deuses e muito menos pelas sacristias. O retorno do sagrado deve ter que ver fundamentalmente com a recuperação da sacralidade do homem, da vida, da palavra, do mundo»⁵⁵. O retorno do sagrado, na perspectiva vergiliana, não deve passar pelas religiões nem pelos deuses, mas pelo valor do homem e da vida, naquilo que o distingue e o faz ser, a cultura e a arte. Por isso, diz-nos que: «Toda a verdadeira arte é uma expressão do sagrado»⁵⁶, e que: «O sagrado não existe na religião mas na arte»⁵⁷. Porque a arte é a expressão emotiva do sentir primeiro, do espanto, na pureza virgem e original.

Vergílio Ferreira encontra na expressão artística a raiz primeira da condição humana, aquilo que o faz ser e o distingue da amálgama dentre os outros seres. Um sorriso apenas como forma de se separar deles, de os ver e diferenciar: «O visível,

⁴⁸ *Invocação ao Meu Corpo*, p. 244.

⁴⁹ FERREIRA, Vergílio: *Aparição*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1988, 42.ª edição, pp. 46 e 47.

⁵⁰ *Invocação ao Meu Corpo*, p. 209.

⁵¹ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 4*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1993, 2.ª edição, p. 396.

⁵² *Conta Corrente 2*, p. 61.

⁵³ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 3*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1990, 2.ª edição, p. 172.

⁵⁴ *Invocação ao Meu Corpo*, p. 248.

⁵⁵ *Pensar*, p. 278.

⁵⁶ *Idem*, p. 329.

⁵⁷ FERREIRA, Vergílio: *Conta Corrente 1*, n/s, Venda Nova, Bertrand editora, 1993, p. 68.

vem de mais longe, de quando o primeiro homem sobre a Terra sorriu – donde vens? E quantas camadas infindáveis atravessaste para chegares até mim?»⁵⁸. Se o sorriso representa a expressão de uma emoção, então constitui-se também como base de toda a expressão artística, já que é a expressão de um sentimento, de uma afectividade, de um sentir profundo. Diz-nos: «Todo o homem é, pois, artista na virtualidade emotiva – e a isso é que eu chamo o sentimento estético»⁵⁹. Neste sentido, todo o homem é artista porque se abre à beleza e ao encantamento que se lhe oferece. Ser possuído por essa graça significa apropriar-se daquilo que brota do real e exaltar-se com a sua existência. Por isso, esclarece-nos de que: «É inimaginável a vida sem arte. Mas ela é impossível sem o sentimento estético»⁶⁰. Se não há vida sem arte, também não há vida sem sorriso, sem emoção, sem sentimento estético. Se o homem sorri ao que se lhe oferece, é porque se abre a um mundo de significação e reconhecimento, de espanto e de milagre; daí a inimaginável vida sem arte, sem emoção, sem carga afectiva. Doutra modo, as coisas existiriam na sua forma bruta, sem ninguém que as dissesse e lhes desse vida. Neste contexto, o real para existir necessita de alguém que o diga, reconheça e faça existir, retirando-o da amálgama pesada e morta da confusão. Esse alguém é o homem, pela consciência que revela das coisas, criando tudo pelo sorriso, dando-lhes visibilidade e existência: «Porque todo o real precisa de outro real para existir»⁶¹. O homem é, então, o fundamento de todos os outros reais. Nesta perspectiva, o real primeiro já não é o real inerte, ingénuo na sua pureza original, mas o real que se revelou ao homem e à sua comoção. Já não é o real solidificado mas o real emocionado, transfigurado pelo sorriso. É aquilo que nos fascina e fala à emoção, se condensa em plenitude, recriando outro real. Por isso: «A arte é a transcendência sensível do real»⁶². Algo que se ausentou e renovou. Ou seja: «A arte e a vida fecham em círculo entre si. Parte da vida, a Arte; mas a ela torna para a interpretar [...] a vida propõe e a Arte escolhe»⁶³. Dito de outro modo, «A vida imita a arte que a imitou a ela»⁶⁴. A arte parte do real para se transfigurar e recriar, numa retroalimentação incessante. O homem só será digno desse nome se viver criativamente, porque o apelo da arte é o apelo da vida: «A arte é o estatuto da plenitude da nossa identificação»⁶⁵. Arte e vida são um absoluto integral: «Assim atribuo ao artista a explicação mais alta e mais fecunda da Vida»⁶⁶. A arte institui-se em Vergílio Ferreira como fonte de vida e essência da condição humana. Símbolo de reinvenção, de infinita procura, como vontade intermínua e fome insaciável. Interroga-se: «Que me resta para a vida senão o imaginar?»⁶⁷.

Por isso, olha com apreensão e perplexidade a sociedade Pós-Moderna, instituída pela emergência do Paradigma Industrial – Tecnológico que criou rupturas nos alicerces da nossa cultura e da nossa memória. Sociedade metalizada,

⁵⁸ FERREIRA, Vergílio: *Na Tua Face*, Venda Nova, Bertrand Editora, 2000, 3.^a edição, p. 239.

⁵⁹ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 127.

⁶⁰ *Idem*, p. 127.

⁶¹ *Na Tua Face*, p. 209.

⁶² FERREIRA, Vergílio: *Até ao Fim*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996, 6.^a edição, p. 213.

⁶³ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 127.

⁶⁴ *Pensar*, p. 294.

⁶⁵ FERREIRA, Vergílio: *Carta ao Futuro*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1985, 4.^a edição, p. 82.

⁶⁶ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 128.

⁶⁷ FERREIRA, Vergílio: *Para Sempre*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1999, 12.^a edição, p. 68.

utilitária, que se baseia no lucro e na competição selvagem. Como sublinha: «Não é o sonho de “viver bem”, mas que só se viva bem com esse sonho»⁶⁸. A realização humana encontra-se ameaçada. A cultura deixou de ser o alicerce vivo da memória e do conhecimento. Tudo se torna breve e transitório. O declínio das referências comunitárias, a desagregação das estruturas familiares e sociais, o aparecimento de formas de alienação como a droga, a vida em punctualidade, promovida pela era da informação, são sinais de um homem novo que está a nascer. Esclarece-nos:

Não há centro nenhum a que se referencie seja o que for. [...] A família desapareceu-se, os filhos não têm pais porque não têm o que vinha neles e era a lei. Droga, disseminação, vazio sexual. Morte do tempo e da memória, incidência punctual de todo o ir vivendo. [...] Toda a vida cultural ou responsabilidade cultural são assim a farrapada em que se desintegre. [...] Quantos livros músicas e o mais, tudo para o caixote. Ver ler ouvir e deitar fora. E é à superfície nítida da vida que tudo acontece. Tudo acidental inconsequente aleatório. [...] Há um homem novo a nascer, um homem electrónico, cheio de botões computadorizados, niquelado asséptico sem sistema nervoso⁶⁹.

O grande tronco comum do saber e da reflexão disseminou-se em pequenos ramos sem nada onde se apoiar. A deriva individual da satisfação e da utilidade são a marca do imediatismo e da eficiência da sociedade de consumo. Vive-se em interindividualidade colectiva, no dizer de Ortega y Gasset, em prejuízo daquilo que torna mais nobre a vivência em sociedade, a partilha e a preocupação humana. Adivinha-se um homem sem dimensão interior, movendo-se numa vida em punctualidade: homem prático, rectilíneo, superficial, frio, insensível, utilitário, individualista; numa sociedade em que prevalece a racionalidade tecnológica, metalizada, normativa, do silêncio, epítetos que a qualificam. Sociedade em que o *Homo Tecnicus* prevalece sobre o *Homo Humanus*. Um homem sem palavra, sem sentimento, sem intimidade, apenas forma exterior como um robot sem alma. Assim, Milinha, de *Rápida a Sombra*, preparava o filho, Pedrinho, para o futuro, numa casa sem espelhos, sem história nem memória. Apenas estar. São preocupações somadas à escola funcionalista do nosso tempo, que esquece a memória e enaltece o saber fazer tecnológico.

A família como parte estruturante do desenvolvimento da criança e berço primeiro da educação está em crise, segundo Vergílio Ferreira. O livre arbítrio proveniente da educação da rua constitui a marca do nosso tempo. A falta de referências morais e culturas criam todo o tipo de batentes destrutivos inerentes à sociedade. A casa como elemento unificador da morada do homem de outrora, dos afectos e do acolhimento, da protecção e da aprendizagem, da reunião e da partilha, cedeu lugar à vivência na rua, sem alma, fria, em puro estar:

A casa. [...] Hoje não existe. Ela implica a existência da família e a família é tão problemática. Centro de convergência da união do sangue, ela fechava-nos no seu abrigo, impregnada da nossa história, do que em nós foi alegria ou amargura ou esperança, envolvia-nos de protecção no que em nós não morre de infância até à idade adulta ou da velhice. Entrar em casa, fechar a porta, e encontrar uma segura defesa contra tudo o que nos agrediu. Nela encontramos o repouso para a fadiga do

⁶⁸ *Invocação ao Meu Corpo*, p. 312.

⁶⁹ FERREIRA, Vergílio: *Escrever*, Lisboa, Bertrand Editora, Ed. de Hélder Godinho, 2001, pp. 99 e 100.

corpo e da alma. Entrar em casa é reencontrarmo-nos connosco, a nossa pessoa de que nos tínhamos perdido. É sobretudo estar alguém connosco, mesmo que não esteja ninguém. Porque a casa tem uma alma. Ela cria-se com o que de todos os que nela são ou foram, se depositou nas salas, nos móveis, em todos os objectos. É por isso que entrar numa casa vazia e alheia é sentir logo uma saturação de presença, de qualquer coisa animada⁷⁰.

A casa é então o local da morada do ser. Aí se forma, cresce e vive. Fonte primeira de memória e de abertura ao mundo da imaginação. Local de reencontro consigo e com os outros, que o sangue reconhece. É um espaço mágico de significação, com história e alma. Tudo nela diz e fala. No entanto, esta concepção sobre a casa vai caindo em desuso e com ela a memória que encerra: «Mas hoje a casa desfez-se. A casa aprende-se devagar e já não há quem a ensine. Ela não é mais um sítio de se ser mas de se estar. Ela é mesmo muitas vezes o sítio em que se pode estar apenas defendido contra o frio, a chuva, o abrigo em que se pode dormir. É isto não apenas para o pobre mas para o rico»⁷¹. Perdeu então o laço afectivo que ligava o espaço às pessoas e passou a ser um local de abrigo, de natureza funcional. A rua é o local onde se desenrola toda a actividade vital e a casa cumpre apenas a função de nos proteger das intempéries: «A casa. Sonho para sempre perdido. Como tudo onde o tempo se demorava. Porque o tempo morreu e só dele resta o passar...»⁷². A vida do instante, no tempo atemporal, punctual, exige um homem sem demora, sem tempo para absorver o tempo e a memória. Resta o passar, o efémero e transitório da sociedade rede caracterizada por Manuel Castells e Anthony Giddens.

A destruição da casa situa-se, a nível metafísico, como sinonímia da destruição da morada do homem e daquilo que lhe é mais peculiar: o recolhimento, a solidão, a individualidade devassada na praça pública. O viver comum dos espaços abertos anula a subjectividade e promove a vida de rebanho da razão normativa. Privilegia a multidão na qual se absorve o sujeito. Se a luta de Vergílio Ferreira incide na autonomia do homem, de modo a que este não se dilua em quaisquer sistemas, muito menos aceita que fique submergido em qualquer estrutura que o determine. Por isso, a destruição da casa representa, em última análise, a destruição do próprio homem, da sua intimidade, da sua privacidade, da sua autonomia e liberdade. Sem casa o homem fica desalojado da sua pessoa, sem morada interior, residindo na multidão. O domínio público é o domínio da verdade prática, cómoda, das evidências superficiais, lisas, puras, desinfectadas, tal como Milinha e Pedrinho que levavam uma vida no chão, sem interrogação nem memória:

Porque o domínio público é o domínio da verdade prática da nitidez, do que à superfície e em firmeza se nos dá às mãos possessoras. Com essa verdade se domina a terra, se força ao nosso império a obstinação das coisas. Com essa verdade se erguem arcos de triunfo e palácios e jazigos, se é pedra em proliferação. É uma verdade que está na potência do músculo, nos dentes carnívoros, na solidez de uma pata no chão⁷³.

⁷⁰ *Pensar*, pp. 206 e 207.

⁷¹ *Idem*, p. 207.

⁷² *Ibidem*, p. 208.

⁷³ *Rápida a Sombra*, p. 195.

É então a verdade do espírito normalizante, do paradigma do ter e da utilidade. No entanto, se a força constrói uma casa não constrói aquilo que a habita, a sua alma:

[...] se uma verdade prática constrói uma casa, não constrói aquilo que a habita – minha casa tão deserta. Se constrói as grandes metrópoles, ignora a voz que fala nas suas ruínas e que é a única que fica. Se constrói o homem como «animal de quatro rodas», ignora o destino que lhe há-de dar. Porque a verdade prática termina onde a outra começa⁷⁴.

Ou seja: o homem nasce quando se desprende da condição animal, não se limitando à utilidade e à satisfação do estômago. A verdade que constrói as grandes metrópoles não é suficiente para construir a casa habitável do homem, porque ele está para além disso.

A intimidade e o calor que alimentavam a casa desvalorizaram-se em função da exterioridade do homem funcionalista, tecnificado: «Mas o que sempre a técnica põe em causa é a nossa intimidade, porque nos força a uma radical exteriorização. Assim o “sentir” se recusa em face do “entender”»⁷⁵. O interior da casa goza de uma conotação com a cultura e o exterior com a técnica. Esta tende a eliminar o que há de mais intrínseco no homem, a criatividade e a arte, reduzindo tudo a um silêncio espectral, porque totalizante e absorvente:

A inteligibilidade do homem, a sua promoção (ou despromoção) à exterioridade, a negação obsessiva da sua «profundeza» é em termos de cultura o que em técnica corresponde à substituição das paredes por vidraças que as anulem: a intimidade da casa neutraliza-se em praça pública. Seria absurdo recusarmos os benefícios da técnica mas seria absurdo também ignorar-lhe as consequências, que nem sequer poderíamos enumerar aqui⁷⁶.

A casa, no sentido profundo, corresponde à integridade da pessoa, enquanto que as vidraças correspondem à devassa da vida pública, promovida pelo paradigma tecnológico da razão normativa. A destruição ficcional da casa acompanha a destruição da família e do cimento unitivo que a constituía, a par da destruição da pessoa e do ser que em cada um mora. Representa a destruição da consciência e da liberdade. Vive-se na praça pública, em espaço aberto, viver comum, normalizado. Anula a vida interior, promove a vida plana, que a técnica autentica. A própria razão, que se pretenderia subjectiva, socrática, consciente, aberta, ficou enredada na aceitação da sociedade industrial, primando pela estabilidade e por uma certa neutralidade crítica, instituindo-se como razão normativa, em que o saber fazer prevalece sobre o saber ser. «Mundo selvagem, foi o que me coube conhecer à hora do fim»⁷⁷, confia-nos o autor. A voz do animal parece ser a mais forte no homem. A palavra que define o homem de hoje é a do individualismo da sociedade metalizada. E isso, Vergílio Ferreira não o pode aceitar nem tolerar, porque o homem não se esgota na sua função.

Na era da revolução informacional, que se pensava poder constituir-se como a nova escravatura moderna, servindo de base à revolução espiritual, libertando o

⁷⁴ *Idem*, p. 197.

⁷⁵ *Espaço do Invisível* 3, p. 33.

⁷⁶ *Idem*, pp. 32 e 33.

⁷⁷ *Conta Corrente* IV, n/s, p. 267.

homem das necessidades imediatas para a disponibilidade do pensamento e da arte, à semelhança da escravatura na Grécia Antiga; o que se vislumbra é um retrocesso no seu humanismo e na sua liberdade: um homem prisioneiro da aquisição de propriedade e da competição selvagem, instituída como paradigma único e nova deusa da sociedade utilitária. As redes financeiras globais criam um mundo desigual e de exclusão. Assiste-se à barbárie humana e à involução dos direitos conquistados. A técnica como meio de aquisição material sobrepõe-se à cultura. Ter mais significa ser mais livre. A liberdade não advém do conhecimento e da cultura mas da riqueza material. Os princípios e os fundamentos do liberalismo sofreram uma distorção. A liberdade degenerou em liberdade de iniciativa, aquisição de propriedade e segurança da propriedade. Originou um neo-liberalismo, esquecendo valores como a fraternidade e a solidariedade. Daí o conflito entre o Ter e o Ser em que o humano vive. No entanto, ainda que a propriedade seja essencial à vida, não define nem esgota o humano do homem.

4. O pensamento educativo

No campo educativo, e tendo em conta o seu pensamento existencial, Vergílio Ferreira critica todas as teorias e propostas educativas que ponham em causa a liberdade de pensamento e a procura de uma vida criativa, autêntica e original. Defende a formação de um homem responsável, autónomo e livre, que saiba romper as amarras que o aprisionam e contribua, simultaneamente, para acrescentar a humanidade. Perspectiva um homem artístico, inovador, activo. Por isso, critica o ensino tradicional, behaviorista, transmissivo, dirigido à memória e à assimilação passiva: «Nós somos muito crianças até muito tarde, Mónica, a gente só muito tarde é que faz ideia da quantidade de coisas que engoliu sem mastigar. Uma voracidade assim, a gente engolia tudo, as coisas não eram para pensar, mastigar, eram só para engolir. [...] Alguns tipos mais evoluídos falam em magister dixit e em *ipsis verbis*»⁷⁸. Um ensino dirigido à aceitação acrítica e à retenção, vertical, do professor para o aluno. Engole-se tudo sem mastigar, sem pôr em causa, sem participação activa do aluno. Se repararmos na imagem que o autor nos dá de «a gente engolia» está associada à significação do conceito etimológico «educare» que designava «alimentar», «cuidar», «conduzir». Visa conduzir o aluno de um estado a outro sem a intervenção do educando. Todo o processo é conduzido pelo professor. Este tipo de ensino não é para discutir, apenas para assimilar. O professor demonstra a sua autoridade e o aluno aceita a sua submissão: «A gente aceita as coisas sem as pensar, deve ser a defesa instintiva da espécie e da paz social. Mesmo as coisas mais superficiais. [...] A gente aceita tudo como aceita as pedras e as moscas, o mais que pode é sacudi-las mas não as discute»⁷⁹. Aceitar significa não colocar em causa as determinações vindas dos Campos Paradigmático, Político, Educativo. Aceitar as leis, as regras, as normas, os currículos emanados pelo poder instituído e, deste modo, contribuir para a paz social e para a reprodução da sociedade. A escola é vista como portadora de uma função que determina os campos de actuação dos seus intervenientes. Uma escola capaz de

⁷⁸ FERREIRA, Vergílio: *Em Nome da Terra*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1997, 7.ª edição, p. 145.

⁷⁹ *Idem*, p. 145.

manter e reproduzir o *statu quo* vigente de forma natural, acrítica, sem discussão. Promover a reflexão e o sentido crítico tornar-se-iam um perigo para as sociedades que pretendem manter o povo condicionado em certos limites de actuação. Deste modo, promovem um ensino de verdades feitas, universais, estáticas, que os alunos repetem indefinidamente. O controlo verifica-se através de formas diversas: dos programas instituídos universalmente, das metodologias utilizadas, dos tempos de realização, do sistema de avaliação que visa garantir as aprendizagens realizadas, das inspecções periódicas... São modelos de ensino característicos das sociedades autoritárias que pretendem manter o povo na ignorância, sem liberdade reivindicativa; e, também, das sociedades que têm uma visão funcionalista, reprodutora da educação. Visam um homem estereotipado, normalizado, formado segundo os cânones instituídos. Assim, «[...] as coisas não eram para pensar, mastigar, eram só para engolir»⁸⁰. Um saber adquirido de forma passiva, receptiva, mecânica.

Neste contexto, as instituições escolares que Vergílio Ferreira vivenciou são associadas a centros de deformação do ser humano e não a locais de aperfeiçoamento e de desenvolvimento: «No liceu, o ambiente de sempre – esse ambiente típico de infantilismo, de escolaridade»⁸¹. A escola é vista como um local de aprendizagem de verdades feitas, de saberes inconsequentes, estéreis: «Pela última vez olhou o liceu e a sua gente. E pela última vez se impressionou com aquela casa de saber manufacturado, burocrático»⁸². Por isso, adverte-nos de que perdemos imenso tempo a saber coisas que não nos falam nem exaltam a nossa aderência intrínseca e livre: «Perdemos imenso tempo a saber tanta coisa e o mais simples dela é tão cheio e infinito. A nossa mente e o nosso olhar estão obstruídos por uma massa espessa de um saber secundário»⁸³. Ou ainda: «Não é saber um saber enlatado com ideias na prateleira, catalogadas e fichadas. Não. Morre-se, é vazio de tudo»⁸⁴. Vive-se e morre-se sem descobrir em si a exaltação e o milagre que constitui a descoberta, o ver para além dos olhos dos outros. Vive-se comprimido nas margens que nos estruturam e toleram. São instituições reprodutoras de saber que não estimulam a imaginação e a criatividade, apenas a aquisição acrítica da informação. Condicionam a realização humana a uma concepção estereotipada de vida e de homem, seleccionando a cultura socialmente aceite. Assim, para que o homem faça jus à sua condição, incita-nos a viver criativamente e a expressarmos a liberdade e os talentos que possuímos, porque só assim a vida tem sentido e o homem enobrece a sua condição: «Diz Não à liberdade que te oferecem, se ela é só a liberdade dos que ta querem oferecer. Porque a liberdade que é tua não passa pelo decreto arbitrário dos outros»⁸⁵.

Defende um ensino que apele à participação do aluno e envolva os estudantes activamente na construção do conhecimento. Para atingir tais desideratos, indica algumas pistas que podem fomentar o seu interesse: a flexibilização da programação diária e a introdução de temáticas mais actuais e motivantes. Em *Aparição*, Alberto Soares, professor e narrador da história, dá-nos conta da relação professor-aluno e das estratégias que adopta para vencer o tédio e a repetição:

⁸⁰ *Ibidem*, p. 145.

⁸¹ FERREIRA, Vergílio: *Cântico Final*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1983, 7.ª edição, p. 28.

⁸² *Idem*, p. 206.

⁸³ *Pensar*, p. 210.

⁸⁴ *Idem*, p. 228.

⁸⁵ *Conta Corrente 1*, p. 247.

E as aulas. E o liceu – Que significa para mim a aliança dos alunos? Sim, às vezes encontramos-nos numa comunidade de interesses, ou não bem de interesses talvez: - de surpresa. Mas a surpresa só o é uma vez. Depois fica a repetição, o enfado. E para o enfado os moços têm uma defesa, que é a inquietação do sangue, a astúcia, a indisciplina. Vencer essa constante agressão não é fácil: quase nunca atrás dela há algo mais do que ela⁸⁶.

Ainda que o professor tente inovar e encontrar-se numa comunidade de interesse com os alunos, esses momentos são exíguos e tudo volta à repetição e ao enfado. Os alunos reagem com indisciplina e desordem.

Não desiste, no entanto, de tentar arranjar estratégias novas: «Tenho então de descer ao nível deles, dar-lhes como o prazer de me vencerem e tentar depois, na minha aparente derrota, na minha submissão, o suborno para o que me interessa»⁸⁷. Deixa afirmar as verdades dos alunos, para que eles se sintam motivados, e assim poder seduzi-los para novas pesquisas e aprendizagens: «Eu inventava assim técnicas novas ou julgava que inventava»⁸⁸. «Os alunos abriram os olhos, fascinados, e eu sentia que eles transpunham o limiar da aparição»⁸⁹. Colocava os alunos em actividade intelectual, solicitava a sua reflexão e descoberta. Nesta metodologia, apesar de continuar a existir um corpo de conhecimentos instituído como necessário à aprendizagem dos alunos, não deixa de os seduzir com a sua actividade e participação. Deste modo, não recebem a informação de forma passiva, mas através da reflexão e da crítica. O saber muda na forma como é ministrado e adquirido. Se no modelo anterior vimos que a criança recebia os conteúdos de forma directa e expositiva, neste modelo pretende-se que os vá construindo de forma activa e interessante através do diálogo e não do monólogo. Despertar o interesse com a introdução de assuntos marginais ao programa constitui uma forma de sedução para aprendizagens mais vivas e significativas. Não pretende educar o homem nos estritos limites do programa escolar mas, sobretudo, abrindo horizontes para outras realidades e dimensões humanas.

Como forma de sancionarmos a novidade da sua pedagogia, descreve-nos as técnicas que utilizava:

Contava, por exemplo, uma história para os alunos redigirem, confrontava depois as redacções com a que da mesma história fizera um autor célebre. Baralhava frases correctas e incorrectas para os alunos as distinguirem. Fazia permutas dos cadernos com as redacções para que cada aluno fizesse a crítica da de um companheiro. Obrigava-os a fazerem redacções na primeira pessoa, [...]. Contava as minhas experiências aos colegas, ao reitor. Mas o que mais me excitava eram as conversas à margem dos textos, dos assuntos de literatura⁹⁰.

De facto, é um ensino que não se dirige só a ouvir e calar. Põe a criança a pensar, confrontar, criticar, criar e, acima de tudo, conversava daquilo que estava à margem dos textos e dos programas, numa perspectiva abrangente e larga da cultura, não de massificação mas de diversificação. Sabe que: «A verdade de um

⁸⁶ FERREIRA, Vergílio: *Aparição*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1998, 42.^a edição, p. 215.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 215.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 115.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 116.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 115.

curso não está no que aí se aprende mas no que disso sobeja: o halo que isso transcende e onde podemos achar-nos homens»⁹¹. Um homem para além das determinações externas e que responde ao apelo da sua vontade. Por isso,

O ensino deve ter como característica fundamental, suponho eu, o ser vivo, isto é, o interessar o aluno mas no sentido de esse mesmo aluno poder interferir, dialogar, com o seu tempo, servido pela cultura que lhe é ministrada pelo ensino, ora bem, eu suponho que, nas letras, como se me pergunta, e, de um modo geral, digamos, nas artes, o ensino talvez não cumpra suficientemente a sua missão⁹².

Ainda que a prática educativa não seja independente do calor de quem ensina, propõe-nos um ensino vivo, baseado no interesse do aluno, de modo a que as aprendizagens sejam significativas para a construção da sua personalidade. A capacidade de interferir, dialogar, interrogar o tempo e a época em que vive devem servir para o seu crescimento intelectual, baseado numa consciência mais aguda do que o rodeia. Ou seja: que se torne uma presença absoluta no mundo, consciente, activa e autónoma; esse o desiderato mais alto da educação. Deste modo: «[...] o ensino peca por não ser um ensino vivo, isto é, não entrar directamente e profundamente nos interesses do aluno»⁹³, conclui Vergílio Ferreira. O programa não deve ser, neste caso, o único ponto de referência do estudo. Sair do âmbito do programa e procurar temas mais interessantes e significativos da cultura da época, pode focalizar a atenção dos alunos e motivá-los para outros objectos de investigação.

Neste contexto, não atribui grande significado ao erro humano. Como o ser é construção que nunca é bastante, o erro é entendido como parte integrante do encontro com a vida, nesse tactear de possibilidades. O erro é coexistente da verdade e mostra a sua face quando esta se abandona. Quando outra verdade nos toma, reconhecemos a inutilidade da verdade anterior e, conseqüentemente, o seu erro, em face da nova verdade. Os erros são, então, as verdades que vamos deixando no percurso da vida, que foram verdades enquanto duraram, mas que se gastaram e já não servem. Um pouco como a vida e o mundo em estado crístico permanente, em que a ordem-organização precisa da desordem-desorganização, para haver nova ordem-reorganização. O equilíbrio fundamenta-se nesse desequilíbrio constante à procura de novos equilíbrios, como nos ensina E. Morin. A vida constrói-se, assim, de um longo trajecto de erros, de buscas, de verdades imperfeitas. Digamos que cada verdade será o erro de amanhã, constituindo-se como o tempero, o sal e a pimenta no longo caminho do aperfeiçoamento humano. Sendo o homem um ser em construção, imperfeito por natureza, o erro é intrinsecamente constitutivo da sua natureza. Estar isento de erro, significaria estar isento de vida e a morte ditaria a sua feliz condição. Por isso: «Não há erro, há só as faces invisíveis de uma verdade que muitas vezes nunca chegam a ser visíveis. Toda a verdade é um erro à espera de vez»⁹⁴. O erro instaura a mudança, marca a diferença e reconhece a existência de novas verdades. Se não houvesse erro, não haveria transformação, logo não haveria verdade, porque todo o ser se reconhece em face do seu contrário: «Que importa o que erraste? Não haveria verdade nos

⁹¹ *Ibidem*, p. 25.

⁹² *Um Escritor Apresenta-se*, p. 60.

⁹³ *Idem*, p. 61.

⁹⁴ *Conta Corrente 1*, n/s, p. 152.

outros sem o teu erro próprio. E assim colaboraste na harmonia da vida. Se no mundo houvesse só uma cor, não haveria sequer essa cor»⁹⁵. Só o homem sabe porque se reconhece em face dos seus contrários. A vida única, irrepitível, original, instituída pela consciência, nesse intervalo de si a si da brecha iluminante, abre-lhe o caminho da liberdade.

Ensina-nos Edgar Morin que: «O génio de sapiens reside na brecha do incontrolável onde gira a loucura, no fosso da incerteza e da indecidibilidade onde se fazem as investigações, a descoberta, a criação. Reside na ligação entre a desordem eloística das profundezas inconscientes e essa surpreendente e frágil emergência que é a consciência»⁹⁶. O Homem é, então, esse misto de génio e loucura, de consciência e demência de tudo e nada. Abre-se a um mundo de possibilidade e criação, onde o imaginário rompe os horizontes numa procura sem fim: «A extrema consciência do *sapiens* bordejia, arrisca, afronta, mergulha, no delírio e na loucura. A demência é o resgate da sapiência»⁹⁷. Nesta perspectiva, o génio do *sapiens* reside na brecha incontrolável que traz à luz do dia a descoberta e a criação, que estabelece a ligação entre as pulsões internas, inconscientes e a sua emergência através da consciência. Adverte-nos o sociólogo de que:

O século XXI deverá abandonar a visão unilateral definindo o ser humano pela racionalidade (homo sapiens), a técnica (homo faber), as actividades utilitárias (homo economicus), as necessidades obrigatórias (homo prosaicus). O ser humano é complexo e traz em si de forma bipolarizada os caracteres antagonistas: sapiens e demens (racional e delirante), faber e ludens (trabalhador e jogador), empiricus e imaginarius (empírico e imaginário), economicus e consumans (ecónomo e delapidador), prosaicus e poeticus (prosaico e poético)⁹⁸.

É neste sentido que tem de se entender o homem, «aquele que se recusa a ser aquilo que é», segundo Camus; ou mais incisivamente, «aquele que se recusa a ser seja aquilo que for», parafraseando Paul Ricoeur, porque: «A hominização termina numa falta de acabamento definitivo, radical e criadora, do homem»⁹⁹. Essa é a condição essencial da sua presença no mundo, um homem da procura, sempre a caminho. Gira na esfera do sapiens-demens, que ainda não acabou de nascer, e inventou a razão para justificar a sua própria loucura. É neste tactear entre a procura e o encontro, a ordem e a desordem, o certo e o errado, o estável e o crítico que o homem vive permanentemente. Na mesma linha de pensamento, Rimbaud diz que: «Acabo por achar sagrada a desordem do meu espírito»¹⁰⁰, porque sabe que o homem é possibilidade e erro.

Que é então o homem? Para Edgar Morin: «O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de mesura e de desmesura; [...] que está possuído pelos deuses e pelas ideias, mas que duvida dos deuses e critica as ideias; alimenta-se de conhecimentos verificados, mas também de ilusões e de quimeras»¹⁰¹. A pergunta que inquieta e sobressalta o homem não interessa como resposta ao próprio homem, porque o limita nas suas fronteiras.

⁹⁵ *Conta Corrente* 4, p. 477.

⁹⁶ MORIN, Edgar: 1973, *op. cit.*, p. 128.

⁹⁷ *Idem*, p. 128.

⁹⁸ MORIN, Edgar: 2002, *op. cit.*, pp. 62 e 63.

⁹⁹ MORIN, Edgar: 1973, *op. cit.*, p. 89.

¹⁰⁰ In MORIN, Edgar: 1973, *op. cit.*, p. 112.

¹⁰¹ MORIN, Edgar: 2002, *op. cit.*, p. 64.

Para Pascal, o homem é: «Um nada em relação ao infinito, uma imensidão em relação ao nada, um meio termo entre o nada e o todo. Infinitamente longe de compreender os extremos»¹⁰². Um nada sem ser nada e um todo sem ser tudo, um ser entre dois abismos, dois infinitos, dois nadas. Um todo, porque nele se consciencializa todo o universo e o revela; um nada, porque está longe de compreender e saber os extremos. É através do homem que todas as coisas se revelam, vêm à claridade da existência, têm vida própria. Portanto, o homem é não só o ser que conhece o mundo mas, também, o ser através do qual o mundo se revela. É o ser dos extremos, da criação e da desordem, do tudo e do nada porque: «[...] o homem sobreexcede infinitamente o homem»¹⁰³. E por esse facto: «O homem é, por si mesmo, o mais prodigioso objecto da natureza»¹⁰⁴. Luta para reinar sobre os animais, a natureza e os deuses de forma abnegada e insaciável. É o ser da recusa e da insatisfação. Deslumbrado perante o fenómeno humano, Pascal interroga-se: «Que quimera é então o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, débil verme da terra; depositário da verdade, cloaca de incerteza e de erro; glória e escória do universo»¹⁰⁵. O homem dos extremos, imperfeito por natureza, da procura insaciável, das lonjuras mais nobres e degradantes.

Também Nietzsche via no homem o ser dos desequilíbrios, aquele que se recusa a estar e a permanecer, porque o caminho do homem visa a incerteza e a transformação: «Porque não há dúvida que o homem é o animal mais doente, mais incerto, mais mudável, mais inconsciente; é o animal doente por excelência»¹⁰⁶.

Para Julián Marías o homem realiza-se na esfera das possibilidades, das dificuldades e dos riscos: «A pessoa realiza-se, entre possibilidades e dificuldades, ensaios e riscos, tentativas frustradas. Ser pessoa não implica que tudo no humano seja pessoal. Pode oscilar entre uma fracção extremamente reduzida e constituir um máximo de realidade»¹⁰⁷. A esfera das possibilidades abre-se a um máximo de realização humana, que é contingente com as dificuldades e os riscos inerentes a essa realização. Move-se no sentido da possibilidade, contribuindo, para isso, o acaso e a oportunidade. E é essa oportunidade que pode fazer com que essa realização seja mais ou menos pessoal, porque pode oscilar entre um máximo e um mínimo de abertura individual.

As palavras dos autores citados são música para o ouvido vergiliano, que define o homem pela amplitude do seu horizonte, numa busca sem fim, de realização interminável. Não se compraz com as conquistas realizadas mas, sobretudo, com as que faltam realizar: «Porque ser homem é sê-lo até onde mais sê-lo se não pode»¹⁰⁸, numa procura infinda, sempre caminho.

Deste modo: «É infinitamente mais útil o *erro fértil* do que a *verdade estéril*»¹⁰⁹. E justifica porquê: «Que é que interessa repetir que a Terra é redonda?»¹¹⁰. As

¹⁰² PASCAL, Blaise: *Pensamentos*, Mem Martins, 1998, 3.^a ed. Europa-América, p. 35.

¹⁰³ *Idem*, p. 177.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 40.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 177.

¹⁰⁶ NIETZSCHE, Friedrich: 1992, *op. cit.*, pp. 101 e 102.

¹⁰⁷ MARIÁS, Julián: *Mapa del Mundo Personal*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 54.

¹⁰⁸ FERREIRA, Vergílio: *Espaço do Invisível I*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1990, 3.^a edição, p. 178.

¹⁰⁹ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 186.

¹¹⁰ *Conta Corrente* 5, p. 570.

verdades feitas são verdades inactivas, enquanto que o erro impulsiona na procura de novas verdades. A verdade é encontro e o erro é busca permanente: «Acreditai num homem enquanto procura a verdade, não acrediteis quando a encontra»¹¹¹. Por isso, o erro, a desordem, o ruído são essenciais à vida humana. Instituem-se como impulsionadores de mudança e novidade.

Vimos que na metodologia behaviorista se transmitem saberes universalmente aceites, reforçando as verdades instituídas e punindo os erros. Estes são vistos como nocivos à educação e ao homem. São algo que pertencem ao desperdício da vida e à sua negação, como tal, devem ser reprimidos. Esta concepção revela uma ideia estática do saber, da verdade e do homem. Na perspectiva vergiliana, o homem é um ser que nunca é bastante e a verdade é algo inalcançável, que se esgota no esforço de a alcançar. Por isso se erra na procura, porque se vive em sobressalto, em estado de infelicidade constante, que não se resigna ao mundo conhecido mas, sobretudo, ao que falta conhecer. Revela uma concepção dinâmica, holística, aberta do mundo e da vida humana. Neste sentido, a verdade institui-se como sinónimo de morte, enquanto o erro simboliza vida e criação. Conclui-se que o fundamento das propostas educativas e a relação pedagógica devem permitir um estado de abertura onde se possibilitem experiências, actividades, erros, procuras de novas verdades, porque só assim se valoriza a condição humana.

Reconhece, também, que o erro pode ser maléfico quando promove a morte: «Todos os caminhos são bons, desde que sejam caminhos. O erro existe, quando são um fim»¹¹². A morte é o fim de todos os caminhos e é um erro, porque não exalta a vida e anula o homem. O erro é nefasto quando impede o homem de caminhar e a vida de se possibilitar: «O jovem que morre perde um mundo de possíveis»¹¹³. Se a vida humana é constituída de possíveis, a morte anula toda e qualquer possibilidade.

Por outro lado, também não valoriza o controlo excessivo do sistema educativo que se faz através do exame. A ideia de ver o aluno como um réu à espera da condenação, subjugado ao poder do sistema e do professor, causa-lhe aflição:

Liquidada enfim a empreitada dos exames —que chatice. E que degradação! Suor e lágrimas— as lágrimas para os rapazes, o suor para nós todos. É aflitivo ver os moços ali rendidos, vulneráveis, todos entregues à nossa onnipotência. Nunca soube fazer exames, quero dizer, examinar. Ao fim da esgrima, é-me extremamente difícil saber se o aluno esgrimiu bem. Uma prova oral (e a escrita?) é equívoca¹¹⁴.

Chega ao fim da avaliação sem saber avaliar realmente o aluno. Prova que a avaliação é subjectiva e não pode ser medida em termos quantitativos, como quem pesa um saco de batatas. Um exame mede resultados, percentagens, respostas certas, verdades instituídas. Desvaloriza, por outro lado, processos de aprendizagem: espírito de iniciativa, empenho, solidariedade, busca de informação, relacionamento interpessoal, trabalho de pesquisa... Vergílio Ferreira valoriza, acima de tudo, a qualidade em detrimento da quantidade, a valorização da pessoa para além da

¹¹¹ FERREIRA, Vergílio: *Nítido Nulo*, Amadora, Livraria Bertrand, 1983, 3.ª edição, p. 156.

¹¹² FERREIRA, Vergílio: *Alegria Breve*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1991, 6.ª edição, p. 194.

¹¹³ *Escrever*, p. 179.

¹¹⁴ *Conta Corrente* 1, p. 53.

medida alheia. Salienta ainda que um exame pode ser bastante injusto, porque se joga tudo num dado momento: a selecção das matérias, o estado emocional da pessoa, o ambiente que cerca o ritual examinatório. Sabemos da psicologia que os testes e os exames tendem a valorizar determinados grupos sócio-culturais, mediante os contextos em que foram elaborados, privilegiando determinadas áreas da cultura e do saber, menosprezando, simultaneamente, outras, desvalorizando as diferenças individuais pelas diferentes representações da inteligência de cada sociedade. Neste contexto, a educação deveria privilegiar as características peculiares de cada ser humano e não promover a uniformização de aquisições que o enformam em estereotípias normalizantes.

Da perspectiva educativa ministrada nas escolas, o autor formulou uma ideia negativa sobre os professores, caracterizando-os como meros reprodutores do sistema. Os professores primários, designação do tempo vergiliano, do 1º Ciclo do Ensino Básico na actualidade, são sempre associados a uma imagem de pobreza, tanto material como espiritual. A fraca preparação científica que lhes era exigida é condizente com a remuneração auferida. No ensino liceal ser professor é ainda uma profissão menor, em submissão, na ordem, sem espírito de iniciativa nem de crítica: «Profissão “pequena”, com qualquer coisa de mesquinho, de lamentável. Conhecia à légua o professor: ordeiro, submisso, de pasta na mão, com um ar restrito de clérigo»¹¹⁵. Ou então: «Você é professor. Um professor é a pura ordem, *voilà* ... Verifiquei-o com todos os que me retrataram»¹¹⁶. E ainda: «Pessoas nítidas correctas, movendo-se num orçamento estreito, ingénuas»¹¹⁷. Aprofunda: «[...] a tocante suficiência dos colegas, sérios, correctos, cronometrados – e pobres...»¹¹⁸. Para concluir: «Ah, tu és professor... Nunca te assaltou o vexame dessa mesquinhez? Nunca te assaltou o génio da destruição, da conquista?»¹¹⁹, clama Elsa para Mário, ela bailarina que recusa a rotina e responde ao apelo da além vida da arte e da transfiguração; ele professor, com comportamento social adequado à moral existente, mecanicista e previsível. De facto, a imagem do professor transmitida por Vergílio Ferreira é a de uma pessoa bem adaptada aos valores e à moral social dimanada pelo poder, obediente, mecanomórfica, estabilizada, pouco interventiva, com fraca capacidade reivindicativa, reprodutora e pouco criativa: «Porque ser académico é ser segundo o estabelecido, o estabilizado, o aceite pela generalidade»¹²⁰.

A opinião é transversal a todos os níveis de ensino, do 1º ciclo ao universitário: «Quando cheguei a Coimbra, o lente era para mim um prodígio da natureza. Quando saí ainda o era – mas com sinal contrário»¹²¹. O professor universitário era então um prodígio da natureza não pela inteligência e autoridade intelectual que seria suposto ser conhecido, mas pelo inverso dessas características. Aliás, essa opinião é manifestada logo no seu primeiro livro *O Caminho fica Longe*, quando o aluno Fernando diz: «para ser lente é preciso usar sebo arqueológico nas abas do chapéu e do casaco, andar sempre derreado com livros e ser bronco.

¹¹⁵ *Cântico Final*, p. 10.

¹¹⁶ *Idem*, p. 98.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 28.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 145.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 155.

¹²⁰ *Conta Corrente* 5, p. 260.

¹²¹ *Conta Corrente* 1, p. 135.

[...] Fernando, compenetrado das verdades que dizia, apoucou ainda mais o valor intelectual do lente. Afirmou que o professor universitário é uma espécie de fóssil, um bruto que estacou, firme como rocha, nos conhecimentos enfardelados, à pressa, para o exame de doutoramento»¹²². Um professor reprodutor, portador de uma cultura sem consequências, de um saber estéril, fixo por uma memória que se fechou, passivo. No fundo, sem liberdade intelectual para questionar e se questionar, para criticar e criar, para destruir e reinventar. É a imagem de um homem bem acomodado às funções do poder instituído, que o reproduz e eterniza.

Associado ao ensino, o professor aparece também como detentor do poder sobre a criança. É o símbolo da verticalidade e da razão: «Como é que a Flora, sendo tão rigorosa com os jovens, escolheu a profissão de professora»¹²³. Responde: «Quem está sentado na carteira do aprender é o aluno, não o professor»¹²⁴. Um professor portador da verdade, mensageiro dos cânones da vida e da cultura, que não admite desvios nem diálogo.

Outros dos intervenientes do Campo Organizacional são os psicólogos, que não entram nas preferências do autor. Segundo diz, a Psicologia sendo do mundo de dentro, resolve-se no mundo de fora, na sua exterioridade. Isto é: o homem sendo indefinível por natureza, explica-se através dos seus comportamentos exteriores e «redu-lo a um objecto manipulável»¹²⁵. Salienta que o homem é vivência subjectiva e não pode ser reduzido a um conceito.

O que Vergílio Ferreira valoriza é um modelo educativo que dignifique a pessoa humana, numa busca infinda do seu humanismo. Sabe que cada pessoa é única nas motivações, na maneira como vive e expressa essas realidades. Reconhece o carácter único de cada ser humano na forma como percebe o mundo e lhe atribui significado. A Existência é pessoal e intransmissível. Deste modo, reconhece que só se aprende quando o coração se sobressalta, naquilo que se identifica consigo e o sangue reconhece. É o modelo de desenvolvimento das características intrínsecas de cada homem, da libertação da energia que o invade, da expressão da autenticidade, em inteira liberdade. É o mundo da expressão da arte, da verdade da vida. Assim, de nada valerá querer impor verdades extrínsecas ao seu sentir, ao seu gosto profundo. Devem sim criar-se as condições necessárias ao seu desenvolvimento e realização. Oçamos: «O que nos resta a nós não é bem indicar-lhe o lugar da sua morada, ou dizer-lhe como construí-la porque nenhum valor é valor sem o certificado da sua autenticidade, mas dar-lhe todas as condições para ele se realizar com perfeição. O resto ele descobrirá por si, com os meios que deixarmos ao seu alcance para ser ele no que realizou»¹²⁶. Os educadores devem fomentar e proporcionar os meios para que cada criança se realize em plenitude. Só assim se colabora com a vida naquilo que tem de mais nobre, que é a recusa de um mundo envelhecido pelo tempo circular, estagnado, repetitivo. Daí a figura do discípulo vergiliano: «Ah, ter um discípulo não para antes de nós para depois»¹²⁷. Ter um discípulo que acrescente a humanidade, portador de novas verdades.

¹²² FERREIRA, Vergílio: *O Caminho Fica Longe*, Lisboa, Inquérito, 1943, p. 91.

¹²³ *Até ao Fim*, p. 73.

¹²⁴ *Idem*, p. 74.

¹²⁵ *Conta Corrente* 5, p. 361.

¹²⁶ *Espaço do Invisível* 4, p. 137.

¹²⁷ *Rápida a Sombra*, p. 38.

Se cada indivíduo é um mundo novo que se abre, por ser uma realidade nova na forma de sentir, viver e emocionar, então institui-se também como um universo livre, autónomo e independente. Centro da esfera terrestre, ponto de partida e de chegada, alfa e ómega da vida, na qual tudo o que existe, existe em função de si. Fonte de iluminação, criador de todas as criações, aurora do dia e da vida. «Se há coisa que permaneça pela minha atenção constante, sou precisamente eu. E é em função desse eu que tudo à volta se transforma»¹²⁸. A afectividade e o amor são o elo de ligação da natureza à vida, àquilo que o homem bafeja com o seu sorriso e espanto através do sentimento estético. Na perspectiva vergiliana, o homem é o único criador porque é o único ser que sabe que sabe, onde o mundo sem homens seria uma natureza morta sem ninguém que o dissesse. É a luz do dia e a fonte de todas as fontes, que retira do anonimato os seres e lhes dá vida própria, existência, enchendo-os de brilho e cor: «Tudo em nós converge para a compreensão do que permanece e nos é positivo. Porque o que é negativo recusamo-lo e não entra portanto na integridade de nós»¹²⁹. Cada homem é uma realidade única que só diz o que lhe diz e fala no sentir mais profundo da escolha que se escolhe em si, na verdade que se impõe das profundezas obscuras do seu eu. «Imperativo categórico» lhe chama o autor: «Há um juiz em nós que não sabemos donde veio, anjo terrível que nos submete ao seu fantasma. O “imperativo categórico” é isso. [...] Há uma razão de ser nele, essa razão é a sem-razão»¹³⁰. Há então em cada um de nós um juiz que nos orienta, indica os caminhos, se escolhe na escolha primeira e irredutível, na invenção de si, sem razão justificativa, apenas na liberdade que se é. «É-se o que se nasce ou não se é coisa nenhuma. Mas a nossa própria voz não a sabemos antes de ela se ouvir e a sabermos. E de nada vale pretendermos afirmá-la contra o que ela é. Ela impõe-se-nos categórica, impositiva, em cada fase da sua evolução»¹³¹. Somos o que amamos: «A parte que de nós responde mais a uma do que à outra é uma parte eleita de nós próprios, porque delimita o mundo em que nos descobrimos»¹³². É o nosso mundo e o nosso ser: «No fundo de nós há a nossa unicidade e o insubstituível que é nosso»¹³³. É a voz da nossa verdade da vida, daquilo que coabita connosco e escolhemos. Por isso: «Saber é comover-se»¹³⁴, sentir nas profundezas do corpo e da alma aquilo que nos fala. É neste sentido que afirma que: «Só se aprende o que já se sabe»¹³⁵, ou seja, só se aprende aquilo que se identifica connosco, aquilo que profundamente amamos e sentimos: «Aprender é reconhecer. E se só se aprende o que já se sabe, tudo o mais que se aprende apenas se decora para depois se esquecer»¹³⁶. Tudo o que não entra no equilíbrio do que somos, apenas se decora para depois se esquecer. Só não se esquece aquilo que fala ao nosso ser, ao nosso gosto, à nossa verdade. Neste sentido, a educação deveria favorecer a descoberta daquilo que se é, a sua verdade profunda, aquilo que responde a uma necessidade interna de se manifestar: «Porque a nossa própria pessoa nem em sonho a podemos recusar»¹³⁷. Deixar ser os seres constitui-se

¹²⁸ *Conta Corrente* 5, p. 561.

¹²⁹ *Idem*, p. 567.

¹³⁰ *Pensar*, p. 126.

¹³¹ *Conta Corrente* 5, p. 271.

¹³² *Espaço do Invisível* 1, p. 259.

¹³³ *Conta Corrente* 5, p. 272.

¹³⁴ *Do Mundo Original*, p. 58.

¹³⁵ *Conta Corrente* 5, p. 170.

¹³⁶ *Pensar*, p. 67.

¹³⁷ *Espaço do Invisível* 4, p. II.

como essência primeira da função de educar. A resposta às problemáticas e às circunstâncias da vida definirão a pessoa que se é. Ou seja: o homem define-se pela sua acção no mundo e pela liberdade que exerce. A sua aderência pautará a harmonia do jogo interior e a originalidade de uma vivência instituída em fundas raízes, as mesmas onde se originam o amor, a liberdade e a verdade da vida. Fonte primeira da razão e impulso de todo o conhecimento. A motivação clonada ao impulso da acção criam um movimento único de disponibilidade e afecto em que *aprender* significa apenas *reconhecer*, identificando-nos espontaneamente com aquilo que se aprende, sabendo-o no íntimo mais livre do ser humano.

Se o homem constrói o seu ser na relação vivencial com o mundo, filtra e sublima o que lhe é fundamental. O real primeiro desrealiza-se e emigra, transfigurando-se pela emoção. Nasce um outro real impregnado por aquilo que afectivamente lhe fala. Na fonte encontra-se a memória-evocação que só diz o que lhe diz em inteira liberdade. O real deixa de ser um passado-passado para ser um passado-presente recriado e evocado à medida do homem: «Somente, para lá do real está outro real. E esse é que é o verdadeiro real»¹³⁸. Quer isto dizer que Vergílio Ferreira não se contenta com o real que a vida lhe impõe, mas com o real que ele próprio constrói. O real verdadeiro não é o que a natureza lhe oferece mas o real que em si se condensou e evoca: «A minha pátria é o negativo de mim, a morada que eu próprio forjei e não a que a vida me quer impor»¹³⁹. Desvaloriza o real dado, comum, manipulável, relevando o real transfigurado pelo calor da sua emoção. Essa é a sua vida e o seu destino: criar, onde: «[...] a memória é a mãe de todas as musas. E a arte é a verdade fundamental de tudo»¹⁴⁰. A memória-evocação institui-se como a parte mais fecunda da vida e também a mais livre e inocente, do mesmo magma onde nasce a verdade, a originalidade e a autenticidade. Conclui: «Tenho duas vidas. A outra é que é»¹⁴¹. A vida da criação é, no seu entender, a vida real. A vida em que o homem se reconhece.

Vimos que a vivência filtrada pela memória da emoção se encontra na raiz do conhecimento, da cultura, da condição humana. O homem adere incondicionalmente ao que lhe sorri e fala. Perante a evidência, podemos perguntar porque é que a educação não é dirigida aos interesses dos alunos? Porque é que nega, escamoteia, coarcta vivências e experiências que radicam no âmago da construção do ser humano? Sabemos que, ao longo da sua história, a humanidade depende de designios políticos, filosóficos, sociais que são, simultaneamente, facilitadores e limitadores da sua liberdade.

Vergílio Ferreira sabe que poucos são aqueles capazes de afirmar a sua voz e interroga-se: «Quantos sabem do que de profundo existe neles? Quantos não morrem sem o saberem?»¹⁴². E reafirma a sua perplexidade: «Quanta coisa nos dorme na fundura de nós»¹⁴³. «Quantas coisas ignoramos que somos, apenas porque o embrião disso se nos não desenvolveu até ser visível»¹⁴⁴; ou ainda: «Morrerás em breve. É incontestável. Quanta verdade morrerá contigo sem saberes que a sabias.

¹³⁸ *Conta Corrente 1*, p. 377.

¹³⁹ *Conta Corrente 5*, p. 409.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 188.

¹⁴¹ *Conta Corrente 1*, p. 276.

¹⁴² *Pensar*, p. 205.

¹⁴³ *Idem*, p. 117.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 177.

Só por não teres tido a sorte de num simples encontro ou encontrão ta fazerem vir ao de cima»¹⁴⁵. O ser humano necessitaria de facto de encontrar os meios favoráveis à sua realização, indo ao encontro de si. Impedir que a possibilidade se possibilite significa não só que o homem não se realize em verdade, como impede que a vida se cumpra em plenitude. É uma traição ao homem e à vida: Diz-nos: «Que mundo incrível se perdeu com as pessoas que se não cumpriram, que fracção enorme do cérebro ficou sem aplicação»¹⁴⁶. Negar o desenvolvimento pessoal significa tornar o mundo mais pequeno e mais pobre. Daí a preocupação vivida de forma obcecada com os obstáculos à livre realização: «Uma grande quantidade de características potenciais irá morrer connosco porque nunca houve oportunidade de se revelarem»¹⁴⁷. Ou: «Morreremos sem conhecer uma fracção grande de nós. E isto apenas porque ela não teve oportunidade de se manifestar. Eis porque, por exemplo, nem todos sabem de si que são heróis, ou cobardes»¹⁴⁸. Ou ainda: «A gente não faz ideia de quanta bomba traz na consciência e morre sem saber que trazia por não ter havido ocasião de saber»¹⁴⁹. A bomba como significante da energia potencial que abre o leque das possibilidades e das realizações humanas. São críticas evidentes aos sistemas de ensino que negam a actividade e a participação dos alunos. Coarctam o desenvolvimento de talentos e qualidades únicas. Balizam os limites da acção humana e da sua criatividade.

Por isso, Vergílio Ferreira condenou, em *Manhã submersa*, a vida estudantil seminarística, onde decorria toda a vida do institucionalizado. Uma educação em espaço fechado, onde o controle do tempo, a vigilância permanente, o castigo e a recompensa, a obediência cega a um Regulamento e o corte com o mundo exterior eram negadoras da liberdade. Ao considerar os Seminários semelhantes às prisões, não pode deixar de estabelecer o paralelismo com a prisão do mundo actual: «Assim me agrada pensar que, se alguém um dia viesse por acaso a desentulhar o livro da poeira, a primeira imagem que teria ao lê-lo seria a do “mundo concentracionário” de hoje»¹⁵⁰. Neste contexto, *Manhã submersa* tem um alcance mais lato do que a mera descrição de adolecer em clausura; representa uma forma de protesto contra todos os regimes fechados, castradores da liberdade individual. Marca ainda o prenúncio de um normativo que se instala na época neo-liberal, onde a razão crítica cede à razão normativa do paradigma único. Da experiência, V. Ferreira guardou a memória: «Alguma coisa, porém em mim permanecia que nunca mais fui capaz de matar. Era um veneno prévio que tudo mirrava, uma hostilidade em guarda, um quase ódio de sangue contra toda a pureza da vida»¹⁵¹. Um ódio de sangue a todos os sistemas totalitários, fechados, tendencialmente puros, negadores da liberdade.

Sendo a cultura a marca primeira e essencial do ser humano, que o distingue do animal, é também a linha divisória entre uma consciência que sabe, se eleva e sobe em direcção ao horizonte: «Nós tendemos a esquecer que a cultura é uma violência que se faz ao animal que coabita com o homem»¹⁵². É dessa violência, o

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 110.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 39.

¹⁴⁷ *Conta Corrente I*, n/s, p. 61.

¹⁴⁸ *Conta Corrente 5*, p. 267.

¹⁴⁹ *Em nome da Terra*, p. 80.

¹⁵⁰ *Do Mundo Original*, p. 18.

¹⁵¹ FERREIRA, Vergílio: *Manhã submersa*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1997, 19.^a edição, p. 216.

¹⁵² *Espaço do Invisível 4*, p. 55.

homem ergue-se à sua face e realiza-se em ascensão: «[...] direi que ela é, no domínio específico da espiritualidade, a livre realização do homem»¹⁵³. Nela o homem nasce e com ela o homem cresce. Vagueia pelos tempos, dá-nos o testemunho da arte, da religião, do conhecimento, dos valores e tradições ao longo das épocas. Forma primeira que liga o homem à sociedade e desta o separa e individualiza na consciência de um eu. A cultura é condição natural do ser humano, uma irredutível presença no mundo e da qual resulta a totalidade do que se é, presença inteira, afirmativa, na evidência de ser. Oíçamos:

Forma alta de se ser homem no seu destino de ascensão, a cultura é a forma de ser consciente, ou seja, de se ser. E essa é a validade primeira de se conceber a cultura, como alguém a concebeu, como o que dela nos ficou depois de se esquecer o que se aprendeu. Porque se aprende para se saber, não para se ser. E é esta finalização da aprendizagem que à aprendizagem reconverte uma «espécie de essência». Concebemos assim a cultura, na sua forma última, como a profunda capacidade de dialogar com o nosso tempo, conhecer o destino que nos coube, assumir até ao limite, a vida que nos calhou. Glória ou tragédia de sermos por inteiro, essa tragédia é ainda a glória de subirmos além de nós, de nos furtarmos ao que obstinadamente em nós fala de um destino de quatro patas no chão¹⁵⁴.

A cultura instaura, então, essa peculiar diferença no homem, que se define pela consciência, enquanto ser existente: «Nada mais há vida do que beber até ao fim o vinho da iluminação e renascer outra vez»¹⁵⁵. Deste modo, Vergílio Ferreira desafia o homem a renascer, a erguer-se à sua face, como forma de sagração da vida e de redenção da humanidade.

Resultado claro que o autor condena todas as propostas educativas que neguem ou apaguem a dimensão interior, da consciência, da cultura, da memória, da verdade da vida, da autenticidade, da liberdade mais funda e genuína que se institui pelo saber. Não aceita a vida do homem degenerada em rebanho, que as metodologias behavioristas propõem, porque o homem só o é plenamente quando sabe e cresce; e a vida humana só é digna quando se eleva em ascensão. Também não aceita uma escola funcionalista, que prepare somente para o saber fazer e o exercício da função, de forma mecanicista e animalesca. Defende uma educação dirigida à criatividade, ao desenvolvimento das capacidades individuais, aos talentos mais intrínsecos e genuínos do ser humano, à transcendência que liberta a essência do homem, da vida e do mundo. A sua luta trava-se na dimensão do ser, vai ao seu âmago mais fundo, como totalidade de uma realidade inseparável em que educação, homem e vida humana coabitam na sua essência. São conceitos similares, interdependentes, pertencentes ao mesmo núcleo. Por isso, quando falamos de educação, estamos a falar da essência do homem e da vida, naquilo que a estrutura e define, e só fará sentido se proporcionar os meios inerentes a essa realização, ou seja à palavra do homem. A palavra revela quem somos e o que sentimos, define a nossa identidade. É na palavra que o homem é e se realiza, tornando real tudo o que diz. Não o real existente, mas o real que a sua presença no mundo aí instaura e recria. Deste modo, a palavra é a morada do homem, ou a

¹⁵³ *Idem*, p. 133.

¹⁵⁴ *Ibidem*, pp. 9 e 10.

¹⁵⁵ *Aparição*, p. 49.

morada do ser (Heidegger). Ela mata e liberta, condena e redime, aberta à livre interpretação. Dá vida e existência a todo o ser, subtraindo do anonimato, da amálgama indiferenciável e morta das coisas. É na palavra que o mundo nos existe e nos força a existir. Esse o desiderato último da história do homem e dos povos, que traça a sua presença activa no mundo da criação e da revelação. Um homem produtor de história e não apenas produto da história.

Podemos afirmar, com garantia de verdade, que a grande luta vergiliana, ao longo da sua vida, se fez em defesa da palavra, que distancia o animal do homem e afirma a sua humanidade. A palavra é a testemunha fidedigna da sua existência, da sua cultura e da sua memória, que rivaliza com uma vida superficial, fria, lisa, desinfectada, pura, em instantâneo presente, apenas estar, sem palavra, como parece indiciar a época pós-moderna do mundo de hoje. É a forma suprema e sublime de arte, que recria, reinventa e purifica o ar habitável do homem.

Neste contexto, a educação deveria promover a palavra do homem, marca primeira da sua excelência e liberdade, naquilo que o estrutura na sua génese, favorecendo o crescimento da grande árvore humana, com ramos esguios em direcção ao alto, suportados pelo conhecimento do grande tronco comum da humanidade, da cultura, da sabedoria e da memória.